

MALABARISMO E RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: entre a informalidade e a cultura nas ruas da cidade

JUGGLING AND RE-SIGNIFYING SPACES OF THE URBAN SPACE: between the informal work and the culture in the streets of the city

Patrícia Daniela Souza dos Anjos¹

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio²

Rafael Rodrigues de Castro³

Mariana de Lima Caeiro⁴

Resumo:

O objetivo deste artigo consiste em analisar o papel do malabarismo de rua como trabalho informal e prática cultural na ressignificação dos espaços na cidade. Para isso, foram discutidas algumas considerações sobre o trabalho informal praticado nas ruas por atores que se concentram em regiões centrais e movimentadas da cidade, que por vezes acabam sendo taxados como criminosos, marginais, vagabundos e transgressores da ordem pública por venderem seus produtos ou

¹ Mestranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas (PPGA-PUC Minas). Graduada em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC Minas). Integrante do Núcleo de Pesquisas em Ética e Gestão Social (NUPEGS) do PPGA da PUC Minas. Seus interesses de pesquisa concentram-se em: Desenvolvimento Sustentável, Desenvolvimento Local e Territorial, Economia da Funcionalidade e Cooperação, Economia Circular e Compartilhada, Inovação Social. E-mail: patriciasouzadosanjos@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisador das áreas de Gestão Social e Ambiental, Administração Pública e Estudos Organizacionais. Líder do Núcleo de Pesquisas em Ética e Gestão Social (NUPEGS) do PPGA da PUC Minas. Seus interesses de pesquisa concentram-se em Organizações da Sociedade Civil, Movimentos Sociais, Responsabilidade Socioambiental de Empresas, Políticas Públicas e Sustentabilidade. Doutor em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Mestre em Ciências Sociais (Gestão de Cidades) pela PUC Minas e Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: armindo.teodosio@gmail.com

³ Mestre em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGA/PUC Minas), na linha de pesquisa Pessoas, trabalho e sociedade. Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Especialista em Ética pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (IEC/PUC Minas). Graduado em Administração pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte. Pesquisador no Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social da PUC Minas. Atua com os seguintes temas de pesquisa: Formação e Ensino em Administração; Estudos Organizacionais Críticos; Religião e Evangélicos. Coordenador de atividades externas do Cursinho Popular Pré-Enem do Morro do Papagaio. E-mail: rafaelcastro19@gmail.com

⁴ Doutoranda em Administração no Programa de Pós-Graduação em Administração da PUC Minas, na área de Ética e Gestão Social. cursou o Mestrado em Administração nessa mesma instituição, na área de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, como bolsista CAPES. Concluiu o curso de Bacharelado em Administração no ano de 2014, no CEFET-MG. Atualmente, atua como gestora e professora no Programa Bom Aluno, professora no IEC PUC MINAS e pesquisadora do Núcleo de Estudos Ética e Gestão Social (NUPEGS) e tem como interesse de pesquisa: inovação social, sustentabilidade, gestão social, empreendedorismo, empreendedorismo social, negócios sociais, trabalhadores invisíveis, gênero e trabalho, movimentos migratórios dentre outros, associando-se a essas temáticas as clínicas do trabalho, especialmente a psicossociologia. E-mail: caeiro.marianadelima@gmail.com

serviços nas ruas, calçadas e semáforos. Foi feita também uma conexão entre o trabalho informal dos malabaristas de semáforo com a exclusão social, bem como uma reflexão sobre tal prática como atividade do campo cultural. Utilizou-se uma abordagem qualitativa através de um estudo exploratório-descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de observação não participante, diário de campo, registro fotográfico e entrevista não estruturada junto a dois malabaristas que atuam na Região Centro-Sul da cidade de Belo Horizonte. Os resultados obtidos mostraram que há um processo contínuo de resistência e ressignificação dos espaços da cidade pelos malabaristas que exibem seu trabalho nas faixas de pedestres localizadas abaixo dos semáforos. Além disso, foi identificado que os malabares eram executados não mais para a exibição das artes circenses pelos atores como atributo cultural, mas sim como prática estratégica que visa garantir a sobrevivência em contextos urbanos.

Palavras-chave: Trabalho Informal; Malabarismo; Exclusão Social; Estudos Urbanos.

Abstract:

The aim of this article is to analyze the role of street juggling as informal work and cultural practice in the redefinition of spaces in the city. For this, some considerations were discussed about the informal work performed in the streets by actors who are concentrated in the central and busy regions of the city, who sometimes end up being taxed as criminals, marginals, vagabonds and public order violators for selling their products or services on streets, sidewalks and traffic lights. A connection was also made between the informal work of traffic light jugglers with social exclusion, as well as a reflection on this practice as an activity in the cultural field. A qualitative approach was used through an exploratory-descriptive study, whose data were obtained through non-participant observation, field diary, photographic record and unstructured interview with two jugglers who work in the Center-South region of the city of Belo Horizon. The results obtained showed that there is a continuous process of resistance and resignification of the city spaces by the jugglers who exhibit their work in the pedestrian crossings located below the traffic lights. In addition, it was identified that the juggling was performed no longer for the performance of the circus arts by the actors as a cultural attribute, but as a strategic practice aimed at ensuring survival in urban contexts.

Keywords: Informal Work; Juggling; Social Exclusion; Urban Studies.

1. Introdução

Devido à sua estrutura dinâmica e complexa, as cidades sofrem constantemente novas (re)configurações espaciais que são acontecimentos de ordem não formal que se relacionam e não são percebidos, interpretados e apropriados, levando-se em consideração os signos existentes (SARAIVA; CARRIERI, 2010). Dentre eles, merece destaque a atuação dos invisíveis e marginalizados que praticam suas

atividades diariamente, tais como os malabaristas de semáforos de trânsito, vendedores ambulantes, flanelinhas e pedintes, dentre outros.

Geralmente, esses atores se concentram em regiões centrais e movimentadas da cidade e acabam sendo taxados como criminosos, marginais, vagabundos e transgressores da ordem pública por venderem seus produtos ou serviços nas ruas, calçadas e semáforos. Na sua grande maioria, os trabalhos realizados visam à renda para subsistência, uma vez que a crescente precarização das relações de trabalho e as recorrentes crises econômicas têm contribuído diretamente para o aumento das desigualdades.

Mesmo em meio às intempéries e riscos que sofrem, já que se encontram expostos ao sol, chuva e acidentes variados, ou ainda, sendo taxados como pessoas às margens da lei e sociedade, os “batalhadores brasileiros” (SOUZA, 2010), no caso, os malabaristas de semáforos vão para as faixas de pedestres e realizam seu trabalho diariamente. Apropriando-se dos espaços (ruas), apresentam seus shows por alguns segundos, dividindo o mesmo lugar com transeuntes, automóveis e vendedores ambulantes. Assim, ressignificam aquele lugar ao transformá-lo de local provisório e de encontro fortuito em acontecimento possível (SOUSA; BECHLER, 2008).

Pretendeu-se com essa pesquisa analisar como o malabarismo de rua, na sua caracterização como trabalho informal e prática cultural, pode contribuir para a subsistência dos indivíduos e ressignificação dos espaços na cidade. Para isso, na revisão de literatura foram discutidas considerações sobre o trabalho informal como consequência da exclusão social, bem como uma reflexão sobre o malabarismo como atividade do campo cultural. Em seguida, tem-se a apresentação dos procedimentos metodológicos e a análise dos dados. Por fim, seguem algumas conclusões possibilitadas através deste estudo sobre os dramas e tramas dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social na ressignificação de seu trabalho e fazer cultural ao mesmo tempo em que reinventam a dinâmica urbana nos pontos de malabarismo.

2. Nos meandros da exclusão social: o trabalho informal

O trabalho informal é um dos problemas, atualmente, enfrentados pela sociedade brasileira e, principalmente, pelas políticas públicas que tentam há anos dismantelar tal prática considerada ilegal. Motivada por transformações econômicas e institucionais, a informalidade está no centro das profundas desigualdades estruturais, consequência notável de um padrão de acumulação concentrador de renda e perpetuador de uma pobreza sem precedentes (COSTA, 2010).

A segregação social que se constrói, polarização de ricos e pobres em extremos totalmente opostos e cada vez mais distantes, vai ganhando maior notoriedade no dia a dia do urbano quando pessoas, para não passarem fome ou padecer necessidades, buscam, na informalidade, uma forma de trabalho que os dignifiquem, permitindo, assim, a garantia da sua subsistência. Raichelis (2006) afirma que a segregação não é um problema novo e o que tem mudado é a dinâmica da pobreza que cresce e generaliza no meio das classes populares. “A pobreza gerada passa então a ser vista não como resultado de escassez, mas como produto de uma sociedade que cada vez mais aumenta sua capacidade de produzir riqueza” (RAICHELIS, 2006, p. 14).

Cleps (2009) pontua que o crescimento da atividade informal é resultante do processo de desindustrialização, do processo inflacionário, do aumento de desemprego e do avanço tecnológico frente às crises econômicas. A adoção de políticas de substituição de importação nos anos 90 trouxe grandes transformações para o mercado de trabalho que conseguiu ampliar o padrão de renda e bem-estar social da população, bem como gerou excedente econômico absorvido pelo exterior e pelas elites nacionais.

Todavia, tais benesses não foram desfrutadas pelas massas da população, gerando assim a naturalização da desigualdade social e sua proliferação (COSTA, 2010; SOUZA, 2006).

A exclusão social que surge no contexto urbano favorece o crescimento dos clandestinos que passam a atuar nas franjas da ilegalidade trabalhista. Adotam estratégias de reinvenção do cotidiano ao utilizar as artes de fazer nas fachadas sociais disponíveis na cidade, transformando os não-lugares em lugares de representação. Como exemplo dessas práticas, é possível citar os malabaristas de semáforos, vendedores ambulantes e flanelinhas.

Na visão de Martins (1997), o grande desafio da contemporaneidade está na chamada inclusão precária e instável, marginal, sendo necessário reconfigurar as formas de trabalho diante da precarização ocorrida nos últimos anos (LIMA; COSTA, 2015), e perceber as capacidades dos marginalizados, conferindo-lhes uma chance de mostrar o seu trabalho, conforme assevera Souza (2006, p. 10):

O marginalizado é percebido como se fosse alguém com as mesmas capacidades disposicionais do indivíduo da classe média. Nesse sentido, o miserável e sua miséria são contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa andar com as próprias pernas.

3. O “espetáculo” nos semáforos

Os espetáculos que hoje se compreendem por “circo” remontam do final do século XVIII, quando grupos de artistas, geralmente formados por famílias, criaram uma categoria denominada de artistas circenses, e esse reconhecimento permitiu se organizarem no trabalho de forma a produzir e consolidar aspectos como a socialização/formação/aprendizagem (CIRCUS, 2011).

No decorrer dos anos, houve algumas mudanças nesse formato, pois muitos artistas passaram a se profissionalizar com a ajuda das escolas de circo no mundo. Assim, as relações trabalhistas e de formação mudaram bastante quando comparadas àquelas que se estabeleciam nos circos-famílias, pois antes os saberes circenses eram transmitidos dentro da lona, nos circos itinerantes ou escolas permanentes e hoje “cada vez mais artistas se fixam em determinada cidade e passam seu conhecimento em troca de remuneração” (CIRCUS, 2011, p. 6). Alguns trabalham em projetos governamentais e organizações não-governamentais (ONG) em troca de um salário e constroem relações de trabalho diferenciadas (CIRCUS, 2011).

Santos (2015) observa que a prática do malabarismo vem sendo reapropriada em suas finalidades, ou seja, está recebendo diferentes designios. O que antes configurava essencialmente uma manifestação artística e cultural com vistas ao reconhecimento tão somente daquela apresentação, de fazer a plateia se encantar com o número apresentado tem se transformado em um tipo de trabalho informal que visa garantir a subsistência. Tal mudança de paradigma foi observada junto aos malabaristas no semáforo que afirmaram estar nesses locais apresentando o seu show em “troca de ajuda financeira para sobreviverem” e, assim, “não morrer de fome”. Muitos malabaristas atuam em semáforos por não ter conseguido emprego em circos e, assim, acabaram indo para as ruas trabalhar na informalidade. Nesse meio há, também, quem nunca teve contato algum com as práticas malabares e encontrou no aprendizado dessa atividade uma maneira de obter renda.

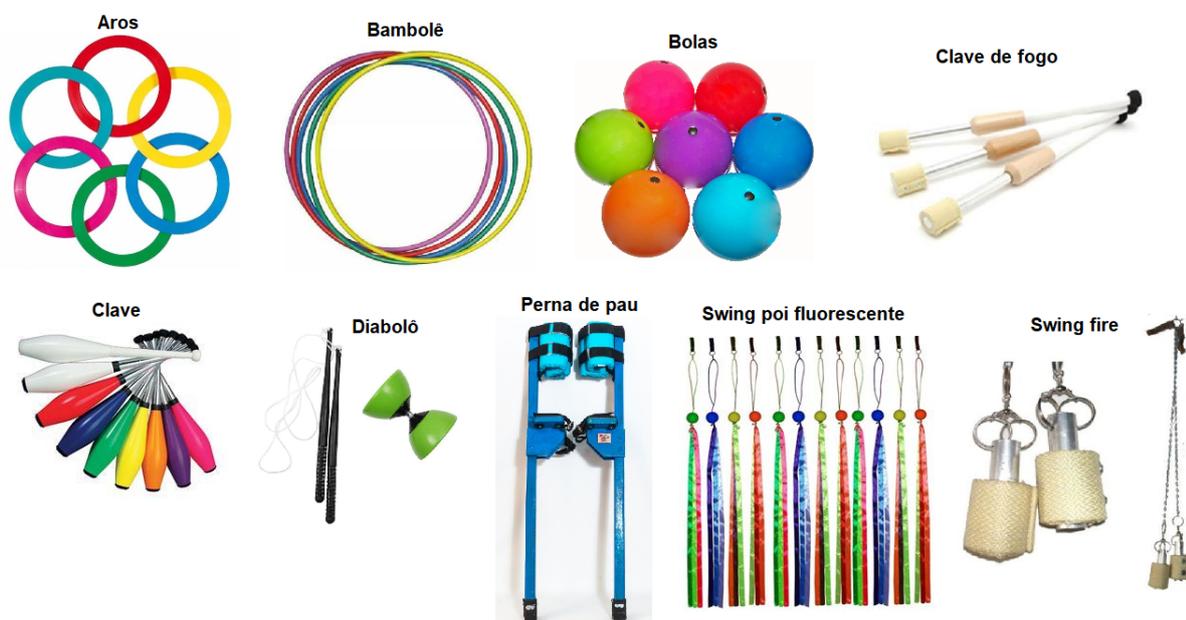
Embora esse trabalho informal não seja tão expressivo como o dos vendedores ambulantes, ou seja, não é tão comum ser visto em cada esquina ou sinal de trânsito dentro da cidade, o malabarismo se enquadra

dentro de uma das técnicas circenses que é considerada como das mais difundidas no território brasileiro atualmente. Esse crescimento exponencial pode ter sido motivado por algumas prováveis razões (CIRCUS, 2011, p. 10):

- é possível realizar malabares com inúmeros objetos;
- o instrumento é mais acessível economicamente ou simplesmente pode ser confeccionado pelo próprio artista;
- é portátil ou transportável com facilidade;
- estruturalmente é mais viável e, em função disso, o artista ou praticante da técnica pode exercer a atividade de malabares em qualquer lugar, frente a outras técnicas circenses;
- é de fácil iniciação e, nessa linha, também frente a outras técnicas, não oferece risco ao praticante.

A grande maioria dos malabaristas produz seu próprio material e até mesmo cria novos tipos para serem usados nas apresentações. A Figura 1 ilustra alguns dos instrumentos mais comuns, merecendo destaque o diabolô, pois esse objeto pode ser visto no registro de campo com um dos malabaristas.

Figura 1 – Tipos de materiais usados por malabaristas



Fonte: Elaborado pelos autores

Após a encenação, o espetáculo pode ser aprovado ou não pela plateia. Uma reciprocidade positiva pode ser observada através de gestos singelos como sorrisos, palmas, vibrações e gratificações. Boa parte, entretanto, prefere evitar ou tratar com indiferença, revelando assim uma reciprocidade negativa (GOFFMAN, 1999; SANTOS, 2015).

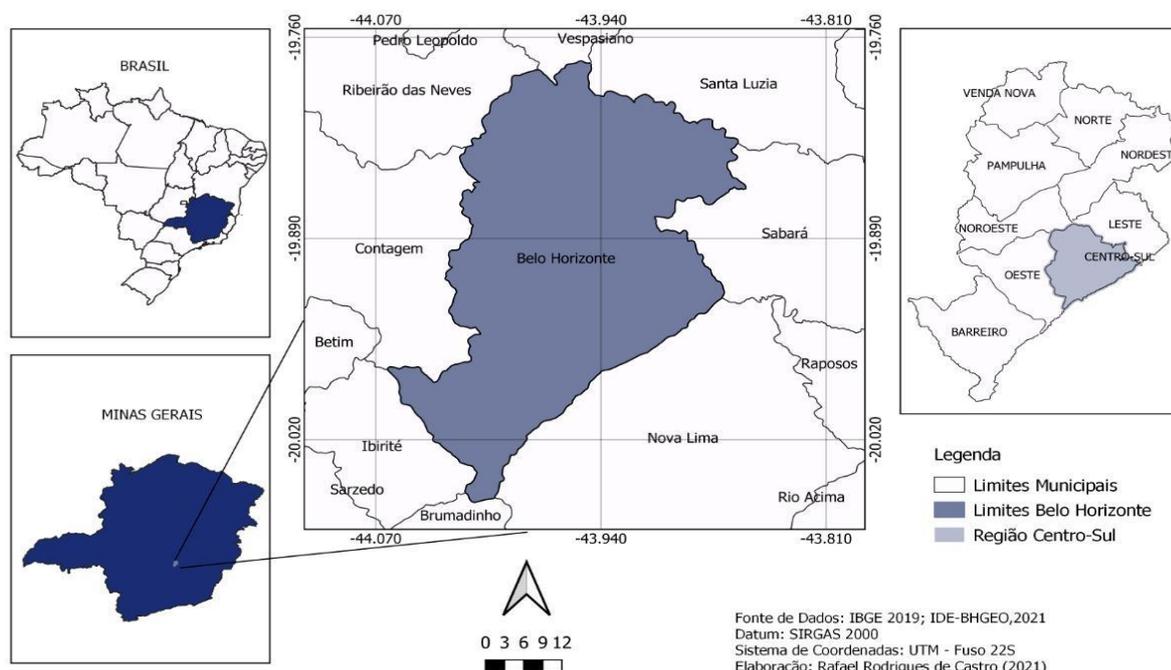
4. Percurso metodológico

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa através de um estudo exploratório-descritivo do espaço apropriado por malabaristas em sinais de trânsito da Região Centro-Sul na cidade de Belo Horizonte (Mapa 1), especificamente no cruzamento entre a Rua Gonçalves Dias e a Avenida Bias Fortes (Mapa 2). O

propósito da pesquisa exploratória é trazer maior familiaridade com o problema tornando-o mais explícito, já que é um fenômeno novo (LAKATOS; MARCONI, 1985; GIL, 1987). As pesquisas descritivas têm como foco principal descrever as características de determinada população, ou ainda, ser elaboradas com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis (GIL, 2010).

Na concepção de Pais (2001) o espaço urbano das ruas contrapõe-se ao espaço antropológico vivido e sentido. As ruas são tidas como lugares topológicos e tópicos, sendo este basicamente as faixas de veículos que, de maneira cartesiana, se organizam a cada novo sinal vermelho formando um novo público à espera de um show e aquele relacionado ao local onde os malabaristas se apresentam - semáforos e faixas de pedestres. Assim, as relações que se pretende visualizar neste trabalho são: a) o malabarismo de rua como forma de subsistência; b) a arte dos malabares como prática cultural e transformação social.

Mapa 1 - Localização da Região Centro-Sul de Belo Horizonte



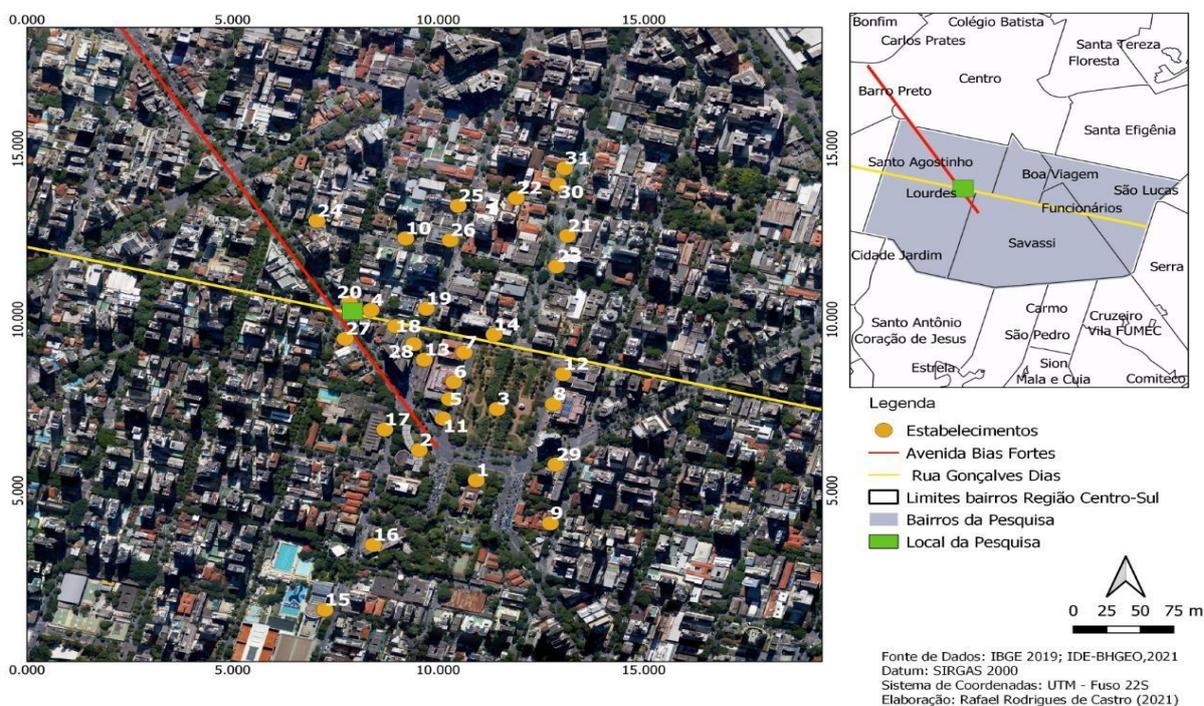
Fonte: Elaborado pelos autores

A pesquisa de campo aconteceu na manhã de uma quinta-feira, no mês de julho de 2018. Para encontrar malabaristas de semáforo foi necessário, num primeiro momento, percorrer as principais ruas e avenidas da área central de Belo Horizonte. A busca nos levou à Avenida Bias Fortes, número 1034, bem próximo do Mercado Central, que é um ponto comercial tradicional e um dos mais procurados da cidade pelas pessoas para realizarem compras e terem momentos de lazer. Partindo desse ponto, ao percorrer essa avenida, caminhando no sentido Praça da Liberdade (Estabelecimento 3 do Mapa 2), foi observada a presença de vários vendedores ambulantes em torno dos semáforos tentando vender algum tipo de produto. Era bastante recorrente a oferta de balas e jornais. Jovens e adolescentes trabalham diariamente nos mesmos pontos e cada um territorializa seu espaço de maneira que ninguém invade o que o outro conquistou. Para Haesbaert (1994), o território está ligado ao poder no sentido concreto e simbólico, de apropriação.

Os malabaristas só foram encontrados no cruzamento da Avenida Bias Fortes com a Rua Gonçalves Dias, a qual detém uma grande extensão que vai desde o bairro Funcionários, esquina com Avenida do Contorno, até o bairro Barro Preto, onde há novamente a confluência com a Avenida do Contorno. Essa rua, palco de trabalho de dois malabaristas, é uma via de acesso de mão única e possui grande movimentação de automóveis e pessoas durante o dia. No Mapa 2, evidenciamos os bairros próximos ao local onde os

malabaristas foram encontrados, e alguns estabelecimentos como: museus, praças, escolas, faculdades, lojas, dentre outros.

Mapa 2 - Local de realização da pesquisa⁵



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao lado do Local da pesquisa, há o Centro de Arte Popular – Cemig, que é um espaço de divulgação e apreciação de arte popular que conta com aproximadamente 800 peças, dentre elas passando linguagens como escultura, pintura e desenho, bem como uma loja sofisticada que há 20 anos vende artigos para casa, denominada La Ville.

Nas proximidades está também a Praça da Liberdade, que fica no final da Avenida João Pinheiro, em frente ao Palácio da Liberdade. Ela é cortada por dupla fileira de palmeiras imperiais e é um dos locais mais visitados da cidade. Os moradores da região se apropriaram desse espaço, onde acontecem caminhadas, piqueniques, eventos, apresentações musicais, teatro etc. Juntamente com a Praça e o Palácio, existem outras 20 instituições que integram o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, criado em 2010 (BELO HORIZONTE, 2018a; 2018b; CIRCUITO LIBERDADE, 2017).

A coleta dos dados foi feita através de dados primários e secundários. Nos secundários, extraiu-se as informações geográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) e da Infraestrutura

⁵ Identificação dos Estabelecimentos: 1) Palácio da Liberdade; 2) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais; 3) Praça da Liberdade; 4) Centro de Arte Popular – Cemig; 5) Espaço do Conhecimento UFMG; 6) MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal; 7) Memorial Minas Gerais Vale; 8) Centro Cultural Banco do Brasil; 9) Cefart Liberdade; 10) BDMG Cultural; 11) Casa Funarte Liberdade; 12) Casa do Patrimônio Cultural de Minas Gerais; 13) Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais - Anexo Professor Francisco Iglésias; 14) Espaço Cultural Escola de Design – UEMG; 15) Centro Cultural Unimed-BH Minas; 16) Casa Fiat de Cultura; 17) Instituto Metodista Izabela Hendrix; 18) Una Belas Artes; 19) Centro Universitário Una - Cidade Universitária Una Liberdade; 20) La Ville; 21) Departamento de Trânsito de Minas Gerais; 22) Centro Universitário Una - Cidade Universitária Una Aimorés; 23) Centro Universitário Una - Cidade Universitária Una João Pinheiro; 24) Colégio e Pré-Vestibular Bernoulli - Unidade Lourdes; 25) Basílica Nossa Senhora de Lourdes; 26) Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais; 27) Clínica Odontológica Bias Fortes; 28) Secretaria de Estado de Fazenda de Minas Gerais; 29) PUC Minas - Unidade Praça da Liberdade; 30) Arquivo Público Mineiro; 31) Museu Mineiro.

de Dados Espaciais da Prefeitura de Belo Horizonte (IDE-BHGEO, 2021), para elaboração dos mapas no software com código aberto licenciado QGIS. Para identificação dos estabelecimentos no mapa, foi consultado sites.

Com relação aos dados primários, utilizou-se como estratégias a observação não participante, o diário de campo, o registro fotográfico e a entrevista não estruturada. A observação não participante e o diário de campo foram utilizados desde a chegada na área central da cidade, até o término da pesquisa. As anotações foram feitas em um caderno, em que coletamos todas as informações referente ao objetivo do estudo. No que tange ao registro fotográfico, este se deu através de um smartphone, e ao todo foram tiradas 38 fotografias, das quais escolheu-se 11, considerando os critérios de análise. Por fim, foram realizadas entrevistas não estruturadas com dois malabaristas. No intuito de preservar a identidade deles, foram utilizadas as seguintes identidades: M1 (malabarista 1) e M2 (malabarista 2).

5. Narrativas de vida e de sobrevivência

Ao chegar à Rua Gonçalves Dias, havia dois malabaristas de rua: um deles se apresentava enquanto o outro aguardava a sua vez. As apresentações eram intercaladas entre si, pois o semáforo fica fechado por 1 (um) minuto e a estratégia que utilizam é dividir o tempo em 30 segundos para o show e 30 segundos para ir até os carros em troca de algum reconhecimento, principalmente, financeiro. Os intervalos de descanso são feitos em alguns momentos do dia e aproveitam para tomar café ou água, almoçar, fazer as necessidades fisiológicas, conversar e contar o dinheiro.

O mesmo espaço, que é a faixa de pedestre, é dividido entre esses malabaristas, um vendedor ambulante de panos de saco, os transeuntes que estão ali só de passagem e os automóveis que circulam na via (Foto 1). A convivência parece ser muito tranquila. Todavia, vendedores de balas não são bem-vindos no lugar por atrapalharem os malabaristas no seu show e na posterior arrecadação financeira, conforme relato dos mesmos. O controle territorial mostrou-se evidente visto que o território é o lugar em que indivíduos competem pela exclusão do outro ameaçador, sendo representado por objetos físicos ou abstratos que intermediam as disputas entre indivíduos, grupos ou coletividades organizacionais (STAUB, 2004).

Foto 1 - Espaço compartilhado



Fonte: Acervo dos autores

Em um dado momento, apareceram três adolescentes com bolinhas nas mãos para fazer malabarismo também. Pararam por alguns minutos na calçada e pareciam estar se aquecendo para uma apresentação ao mesmo tempo que observavam tudo em volta. Após alguns minutos, um deles fez uma apresentação no sinal da Avenida Bias Fortes com as bolinhas, conforme Fotos 2 e 3. Pelo fato daquela área já estar ocupada, não ficaram muito tempo e, com isso, não foram tidos como ameaça. Os adolescentes não foram abordados por nós para conversar, apenas observamos como se comportaram desde o momento em que apareceram no local até irem embora.

Foto 2 - Apresentação com bolinhas na

Foto 3 - Apresentação com bolinhas na



Avenida Bias Fortes 1



Avenida Bias Fortes 2

Fonte: Acervo dos autores

Fonte: Acervo dos autores

Cada malabarista possui o seu figurino e instrumentos próprios que são utilizados nas suas aparições. O que há em comum neles é o sorriso contínuo no rosto mesmo em meio às incertezas se estariam agradando ou não o público que assiste ao espetáculo. Como relatado, atuam em dias de calor, dias chuvosos e dias frios. Para eles não há tempo ruim, porquanto o ofício exercido visa assegurar o sustento e garantia de sobrevivência ante às intempéries sociais e econômicas que os atingem. Ao ser apresentada a proposta da pesquisa, bem como seus objetivos, ambos se mostraram solícitos e gentis quanto à permissão dos registros fotográficos e anotações de campo.

O primeiro malabarista que conversamos relatou que é argentino e mora em Belo Horizonte, “no Papagaio” (M1), há três anos – este local é denominado Vila Barragem Santa Lúcia, mas é conhecido como Morro do Papagaio. Deixou sua família na Argentina e antes possuía vínculo empregatício formal em uma empresa. Quando viu que não estava dando certo, resolveu sair para conhecer a América do Sul. Com isso, aprendeu os seus truques na rua, pois como mochileiro teve que se virar para garantir o seu próprio sustento. Afirmou ainda que trabalha de segunda a segunda e, na maioria das vezes, o dia todo. No dia em que foi feita a pesquisa de campo, havia chegado às 6h45min com pretensão de ficar até 12 horas. O dinheiro que consegue arrecadar ajuda a custear as despesas com aluguel e alimentação. Além da Rua Gonçalves Dias, atua em outros semáforos da Região Centro-Sul da cidade.

O seu figurino é composto por um chapéu, onde recebe o dinheiro arrecadado, uma escada e três instrumentos que manipula durante a apresentação no sinal, os quais se assemelham a uma clave. Tais acessórios foram criados pelo próprio malabarista e podem ser visualizados nas Fotos 4 e 5. Como as apresentações são divididas, cada personagem procura fazer o seu número dentro do tempo definido a fim de angariar algum retorno. A divisão do palco foi vista como uma parceria que dava certo, já que não foram relatados problemas ou brigas entre os parceiros.

Foto 4 – Malabarismo e equilíbrio 1

Foto 5 – Malabarismo e equilíbrio 2



Fonte: Acervo dos autores



Fonte: Acervo dos autores

Já o segundo malabarista é brasileiro (M2). Trabalha há 7 (sete) anos na Rua Gonçalves Dias, de segunda a sexta, entre o período de 12 horas às 17 horas, e cursa Pedagogia, à noite, na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Reside no bairro Santa Mônica e vem de ônibus diariamente para trabalhar. Indagado sobre possíveis situações de preconceito ou de sentimentos de vergonha por estar naquele sinal de trânsito, ele declarou não ficar constrangido em trabalhar na rua, uma vez que precisa do dinheiro para pagar contas como: prestação do apartamento, pensão alimentícia para os filhos e outros gastos pessoais. Inclusive, afirmou que vários professores que já passaram ou que ainda passam por aquele local, ao vê-lo trabalhando, não só contribuí, mas “acha maravilhoso” (M2). O malabarista M2 pretende ficar no ofício somente até o final do ano, visto que passou em um concurso público. Tem como objetivo concluir com êxito a graduação e dar aulas.

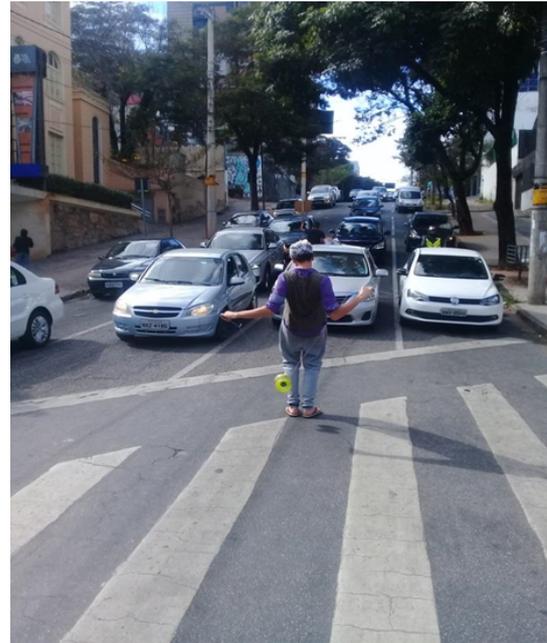
Sua ferramenta de trabalho é o diabolô e seu figurino é mais simples, como se observa nas Fotos 6 e 7. Durante as apresentações, é bem nítida a facilidade e experiência na condução do instrumento, parece ser um profissional circense com uma grande capacidade e domínio daquilo no qual se propõe a fazer.

Foto 6 - Apresentação com o diabolô 1

Foto 7 - Apresentação com o diabolô 2



Fonte: Acervo dos autores



Fonte: Acervo dos autores

As contribuições financeiras possuem valores variáveis. A maioria das pessoas, ao parar com seus carros no semáforo, fica com os vidros fechados o tempo todo e os que colaboram dão algumas moedas ou notas de 2 reais, 5 reais e 10 reais. Outros apenas sorriem, demonstrando que gostaram ou ainda acenam com a cabeça querendo dizer que hoje não tem ajuda. As Fotos 8, 9 e 10 ilustram as trocas relacionais após uma apresentação. De tempos em tempos, após receberem o dinheiro, os malabaristas se sentam na calçada e começam a contar o valor recebido. Os batalhadores brasileiros lutam e se sacrificam para romper com os padrões de miséria econômica, intelectual e cultural (SOUZA, 2010). Como cada um recolhe o dinheiro com o seu próprio chapéu, não há indícios de confusão ou brigas por causa da questão monetária. À medida que vão arrecadando o dinheiro e contando, conseguem ter um parâmetro para avaliar se devem continuar ou não a trabalhar durante aquele dia e se o dia está ou não sendo produtivo.

Foto 8 – Recompensa pelas apresentações 1



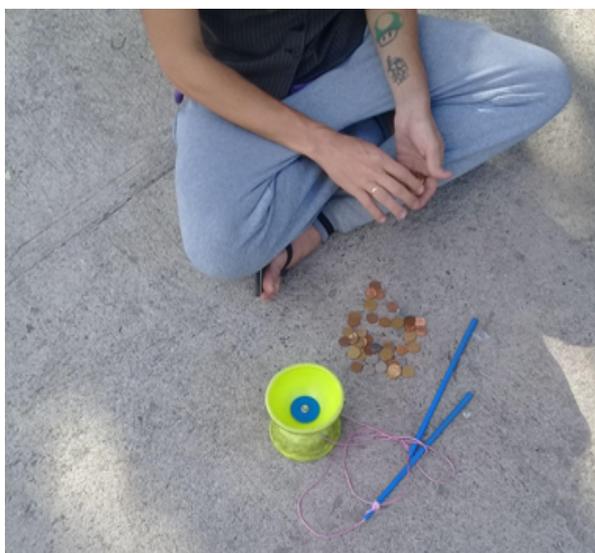
Fonte: Acervo dos autores

Foto 9 – Recompensa pelas apresentações 2

Foto 10 – Recompensa pelas apresentações 3



Fonte: Acervo dos autores
Fonte: Acervo dos autores

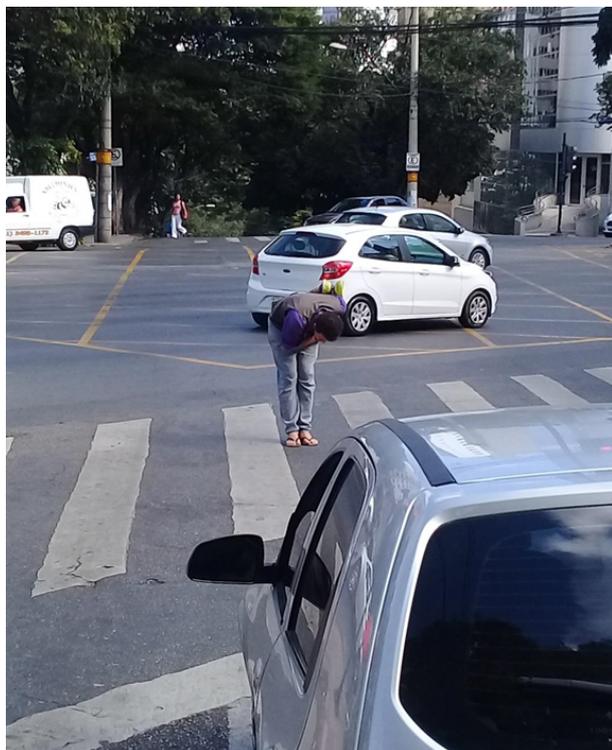


Algumas relações de afetividade foram percebidas com transeuntes e comerciantes dos entornos, principalmente quanto à disponibilidade de comida e uso de banheiro. Mesmo não havendo muitos comércios no perímetro estudado, os malabaristas conseguem almoçar em um restaurante pagando 5

(cinco) reais após às 14 horas. Às vezes, até almoçam de graça. Também conseguem utilizar o banheiro do Centro de Arte Popular – Cemig. Além disso, alguns param para dar bom dia, boa tarde ou conversar, seja para falar de time de futebol ou sobre outros assuntos. Ipiranga (2010) afirma que os processos sociais que ocorrem dentro da cidade precisam ser considerados, porque é no espaço que há interação e hibridismo, construção e reconstrução de identidades, e produção de significados. A problematização merece destaque pois os malabaristas de rua muitas vezes são estigmatizados como “vagabundos” e tais estigmas, segundo Goffman (1999), operam como instrumento ideológico para inferiorizar o outro, colocá-lo à margem, excluí-lo. Entretanto, mesmo na iminência de sofrer desmoralização e ofensas, como ser xingado por palavrões ou ignorado, a maioria desses trabalhadores informais não desistem de exercer o ofício diariamente. Pelo contrário, sempre estão lá e ainda com um sorriso no rosto.

É importante ressaltar que a cada final de apresentação o M2 inclina seu corpo em sinal de agradecimento pela atenção obtida (Foto 11). Esse gesto é bem comum entre representantes de espetáculos circenses quando acabam de fazer um número.

Foto 11 – Agradecendo a platéia



Fonte: Acervo dos autores

Como visto, durante o dia, a Rua Gonçalves Dias apresenta um cenário composto por vários personagens que se apropriam do espaço, ressignificando-o e convertendo-o em palco de representação e local de trabalho, uma transformação de não-lugar em lugar (SANTOS, 1991).

6. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar o malabarismo de rua como trabalho informal e prática cultural nos processos de subsistência e ressignificação dos espaços na cidade. Para tanto, foram realizados registros fotográficos e conversas informais com malabaristas que exercem suas atividades na Rua Gonçalves Dias, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte.

A observação desses atores desvela um processo contínuo de resistência e ressignificação dos espaços da cidade. A resistência pode ser exemplificada através de sua atuação em uma atividade cultural que vem perdendo espaço no cotidiano das cidades, no caso, o malabarismo enquanto arte circense. Já a ressignificação está relacionada às distintas estratégias utilizadas por essas pessoas para atribuir um novo sentido ao espaço da rua, pensado, sobretudo, para favorecer o tráfego, e não para manifestação da arte.

É sabido que este artigo não esgota todas as possibilidades de análise em torno das imagens registradas. Nesse sentido, indica-se a necessidade de se buscar compreender as práticas do malabarismo de rua em outros espaços da cidade, procurando resgatar as histórias de vida dos sujeitos para compreensão de novos significados dessa prática que é, ao mesmo tempo, cultural e voltada para o trabalho. Pesquisas que possam estabelecer paralelos entre as práticas culturais reproduzidas nas ruas de cidades de diferentes portes e em distintas sociedades capitalistas podem também ampliar o alcance da presente investigação e aprofundar uma reflexão urgente e necessária sobre aqueles que sobrevivem dos trabalhos exercidos nas ruas.

Referências

BELO HORIZONTE. (Empresa Municipal de Turismo – Belotur). Centro de Arte Popular – Cemig. Belo Horizonte: BELOTUR, 2018a. Disponível em: <<http://belohorizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/artistico-cultural/centro-de-arte-popular-cemig>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BELO HORIZONTE. (Empresa Municipal de Turismo – Belotur). Praça da Liberdade. Belo Horizonte: BELOTUR, 2018b. Disponível em: <<http://www.belohorizonte.mg.gov.br/local/servico-turistico/espaco-para-evento/aberto/praca-da-liberdade>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CIRCUITO LIBERDADE. História. Belo Horizonte: Prodemge, 2017. Disponível em: <<http://circuitoliberaldade.mg.gov.br/pt-br/circuito-liberdade-br/historia>>. Acesso em: 10 set. 2021.

CIRCUS – Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses. Panorama do malabarismo no Brasil 2007-2008: Relatório de Pesquisa. Campinas: Universidade Estadual de Campinas-Faculdade de Educação Física, 2011.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). Revista Sociedade & Natureza, v. 21, n. 3, p. 327-339, dez. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000300008>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Caderno CRH, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000100011>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução Maria Célia Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

INFRAESTRUTURA DE DADOS ESPACIAIS DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE - IDEBHGEO. Site do BHMap. Belo Horizonte: PRODABEL, 2021. Disponível em: <<https://bhgeo.pbh.gov.br/home>>. Acesso em: 10 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Bases cartográficas contínuas. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/bases-cartograficas-continuas.html>>. Acesso em: 10 set. 2021.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. Revista de Administração Mackenzie, v. 11, n. 1, p. 65-91, jan./fev. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000100004>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1985.

LIMA, Thales Batista de; COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: uma revisão sistemática da literatura brasileira na área de Administração entre 2004 e 2013. Cad. EBAPE.BR, v. 14, n. 2, p. 310-324, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395135137>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MARTINS, José de Sousa. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1997.

PAIS, José Machado. Jovens “arrumadores de carros”: a sobrevivência nas teias da toxicodependência. Revista Análise Social, v. 36, n. 158-159, p. 373-398, 2001. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=16>. Acesso em: 30 jul. 2018.

RAICHELIS, Raquel. Gestão Pública e a questão social na grande cidade. Lua Nova, n. 69, p. 13-48, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000400003>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Subjetividade, cidadania e emancipação. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 32, p. 135-191, jun. 1991. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/10802>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SANTOS, Juliano Batista dos. Riscos e estratégias de sobrevivência: flanelas e malabaristas. 140 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Dinâmica simbólica nas organizações. In: MARCHIORI, M. (Org.). Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.

SOUSA, Edson Luiz André; BECHLER, Janaina. Labirintos na cidade contemporânea. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 28, n. 2, p. 390-403, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200013>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SOUZA, Jessé. A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAUB, Irineu Dário. Competição territorial por espaços organizacionais em processo de pós-aquisição: um estudo de empresas siderúrgicas brasileiras. 379 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

